

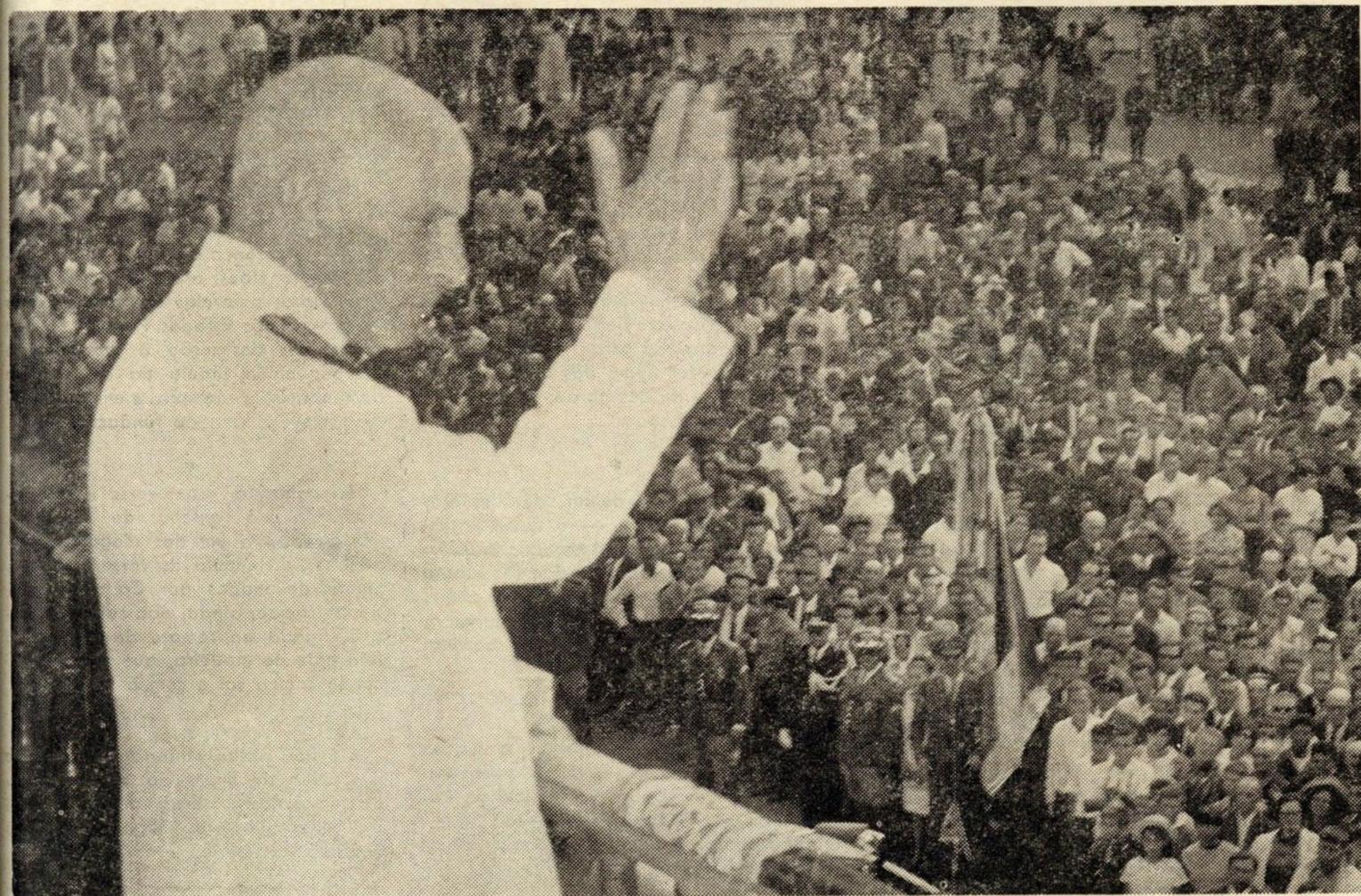
Fundador
ABEL GOMES PÓLVORA

Director e Editor
MANUEL DOS SANTOS LEITE

Redacção e Administração — Telef. 229133
Rua da República, n.º 59 — SESIMBRA

Composto e impresso
O. S. J. — LISBOA-3

Setúbal recebeu carinhosamente O CHEFE DO ESTADO



O Senhor Almirante Américo Tomás saúda da janela do Município o povo do distrito de Setúbal, que entusiasticamente reclamou a sua presença

No dia 7 toda a cidade veio para as ruas receber o Senhor Almirante Américo Tomaz, que no programa comemorativo da inauguração da Ponte Salazar se deslocou a Setúbal, para inaugurar também o cais acostável, importante obra que muito valoriza o porto de Setúbal.

Por todo o trajecto, desde Cacilhas, o povo compareceu com estandartes e dísticos, agradecendo a construção da ponte sobre o Tejo.

Quando o Sr. Almirante Américo Tomaz, chegou à cidade do Sado, viu-se rodeado de enorme multidão que o aclamou delirantemente. Na praça do Brazil todos o queriam cumprimentar, e só a muito custo o Sr. Governador Civil e o Sr. Presidente da Câmara, puderam aproximar-se para lhe dar as boas vindas. Organizado o cortejo, após o carro presidencial seguiam os dos Ministros das Obras Públicas e das Comunicações, assim como os do Sr. Almirante Henrique Tenreiro, e outras individualidades.

A marcha era lenta e com dificuldade o cortejo seguiu pela Avenida da Portela, Praça do Quebedo, Largo de Santa Maria, Rua Antão Girão, Rua Dr. Paulo Borba, Praça do Bocage, ruas Fran Paxeco, Carlos da Maia,

até ao Castelo de São Filipe — o entusiasmo era sempre maior. Janelas apinhadas, ovações ininterruptas e a juventude sadina — rostos transpirando satisfação — a empurrar o automóvel presidencial.

Ao chegar ao Castelo de São Filipe, o carro presidencial ia completamente coberto de papelinhos multicolores.

Jornada festiva, de ambiente o mais carinhoso possível, teve o Chefe do Estado.

UMA CRIANÇA FEZ A ENTREGA DAS CHAVES DA CIDADE

A seguir ao almoço íntimo, que decorreu na Estalagem de S. Filipe, o Chefe do Estado e os membros do Governo dirigiram-se para os Paços do Concelho, onde se efectuará uma sessão solene.

Escusado será dizer que, de novo, pelas ruas do trajecto, o Sr. Almirante Américo Tomaz recebeu provas de inequívoca admiração, por parte do povo sadino, desejoso de honrar ao máximo o seu hóspede de umas horas.

O amplo Largo do Bocage, onde se encontra a Câmara Municipal, estava repleto.

Pouco passava das 15 e 30 quando

o automóvel descoberto onde viajava o Chefe do Estado chegou ao largo. O Sr. Almirante Américo Tomaz apeou-se e, após honras militares prestadas por uma companhia do Regimento de Infantaria 11, com bandeira e banda de música, a que passou em revista, dirigiu-se para o edifício dos Paços do Concelho.

Frente a este, encontravam-se concentradas as bandas de música do distrito — que durante a manhã tinham desfilado pela cidade, acentuando ainda mais o ambiente festivo — representa-

ções das Casas do Povo, das pescas, escuteiros, dos clubes desportivos — Vitória de Setúbal e Naval — um rancho folclórico e bombeiros voluntários.

Ao som de marchas militares desfilarão os garbosos militares do R. I. 11, após o que o Chefe do Estado recebeu os cumprimentos do Coronel Viriato Oliveira, comandante militar; Major Hernâni Lopes, comandante do R. I. 11; governador civil de Lisboa, presidentes dos Municípios de Setúbal, Sesimbra e Almada, capitão do porto de

(continua na pág. 3)

A visita de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa

Era de expectativa, de esperança, o estado em que os sesimbrenses aguardavam a anunciada visita de S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa; a sua última visita havia-se registado há 13 anos: em 27 de Setembro de 1953, quando Sua Eminência — então calorosa e gloriosamente recebido — presidiu, na bela esplanada da Fortaleza de Santiago, às cerimónias da consa-

graça do Concelho a Nossa Senhora de Fátima.

Às quatro e meia da tarde de domingo, dia 14, Sua Eminência chegou a esta vila, à entrada da qual recebeu os cumprimentos das entidades oficiais — civis e eclesiásticas.

Organizou-se então um cortejo, onde

(continua na pág. 2)

pelo MUNICIPIO

Sob a presidência do Sr. Dr. Pedro de Sousa e Holstein Beck, realizou-se a sessão ordinária da Câmara Municipal de 3 do corrente, tendo comparecido o Vice-Presidente, Sr. Dr. António da Silva Vergueiro, e os Vereadores efectivos Srs. José da Silva Filipe e José Silva Nunes da Costa.

Foram deferidos os requerimentos de: Angelo Bismark Soares de Melo, para construir uma moradia a nascente da vila;

Irene da Conceição Lopes Pereira, para construir uma moradia na Venda Nova;

Olimpio dos Santos Saloio, para construir uma habitação, tipo S.M.S., nas Pedreiras;

José António Lopes Louro, para ocupar a via pública, na Via Mar e Sol, com venda de cestos regionais;

Diogo Higino Oliveira Pataca e Jerónimo Xavier de Matos, para colocar chapas anunciadoras do seu Restaurante «Golfinho».

Joaquim Coelho Tomé, para colocar anúncio do seu Restaurante «Califórnia»;

Covas & Nunes, Limitada, para colocar na fachada do seu estabelecimento, na Rua da Fortaleza, um reclame luminoso.

Outras deliberações:

Executar, no largo da Marinha, suportes para estacionamento de velocípedes;

Adjudicar a Teodoro Gomes Alho, a empreitada de pavimentação da Esplanada Comandante Henrique Tenreiro;

Concordar com os preços apresentados por Eduardo Godinho Duarte, para executar trabalhos de calcetamento de ruas;

Restituir a Frederico Chagas Soromenho o depósito de garantia pela construção do passeio;

Concordar com os orçamentos da União Eléctrica Portuguesa, sobre a iluminação do Largo 5 de Outubro e Esplanada Comandante Henrique Tenreiro;

Pagar a importância devida pelos prejuízos causados a José Duarte do Nascimento Horta, no seu estabelecimento de banhos;

Autorizar a passagem de 46 guias de responsabilidade para doentes pobres;

Autorizar pagamentos no valor de 50 contos.

AGRADECIMENTO

MARIANA DA CONCEIÇÃO BAETA

Filhos, noras e netos, receando cometer qualquer falta involuntária por desconhecimento de muitas moradas,



vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada, ou que por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

A todos, a seu eterno reconhecimento de gratidão.

O CARDEAL PATRIARCA

(continuação da pág. 1)

vimos os Srs. Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara e Vereadores, o Rev. Secretário de Sua Eminência, o Vigário da Vara de Setúbal e outros elementos do clero.

Abria o cortejo a fanfara da Fragata D. Fernando, seguida da Banda da Sociedade Musical Sesimbrense.

O pequeno cortejo desceu a estrada e entrou no adro da Matriz; o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Sesimbra, com bandeira e terno de clarins, prestava a guarda de honra.

Já no templo — frio na sua nudez — Sua Eminência paramentou-se na sacristia, donde saiu para a capela-mor pela porta lateral da nave do norte, em cortejo, precedido pela rica e preciosa cruz processional da Irmandade do Santíssimo Sacramento, empunhada por um sacerdote.

No presbitério, S. Eminência, de tiara e báculo, tomou assento numa cadeira especial.

Do ambão, em nome dos paroquianos, saudou-o o Prior da Matriz. De modo patético, disse: «Temos entre nós Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio até nós na pessoa do Senhor Cardeal». Aludindo às obras realizadas no templo, afirmou: «Esta é obra de heroicidade e de sangue», dizendo, depois, ser a festa que estava a realizar-se a maior que a igreja de Sesimbra tinha vivido desde a da sua inauguração.

Escutado pelos assistentes, que quase enchiam o templo, falou da «voz das pedras, que só os sacrificados a entendem». E terminou: «Faço votos para que Sua Eminência saiba elevar aos Céus uma prece por todos nós».

Subindo ao ambão, o Capelão da Misericórdia explicou a cerimónia a seguir: a da sagração do novo altar.

Pelo coro, foi então entoada a Laudanha de Todos-os-Santos; seguidamente, o Senhor Cardeal, junto ao novo altar, por três vezes invocou Santiago, padroeiro da freguesia, após o que, enquanto o coro cantava o Salmo 42 («E eu entrarei até ao altar de Deus...»), o benzeu com água lustral.

Em cortejo, Sua Eminência desceu então a nave central, dirigindo-se ao altar de Nossa Senhora da Boa Viagem, para buscar as relíquias (dos Mártires Timóteo e Aurélia); encerradas em relicário de prata, foram levadas sobre andor, transportado por 4 sacerdotes revestidos de dalmática.

O Capelão da Misericórdia, a propósito, referiu que o transporte das relíquias, assim feito, era evocação da transferência da Arca da Aliança (do povo hebreu).

Sua Eminência incensou o relicário, depositando-o na cavidade própria do altar, logo fechada por um pedreiro.

Procedeu-se então à unção com os Santos Óleos e à queima do incenso sobre as cruzes embutidas na «mesa».

A cerimónia — riquíssima de simbolismo — foi atentamente seguida por todos os assistentes; só lamentamos que maior número de pessoas não estivesse presente, pois raras vezes se terá ensejo de assistir a tão magno acto litúrgico.

Depois do novo altar ter sido revestido com as toalhas do ritual, e antes de se iniciar a celebração do officio divino, Sua Eminência, de pé, pronunciou as seguintes palavras, aqui reproduzidas cremos que fielmente:

«Se o Santo Padre diz ser o servo dos servos de Deus, eu sou o servo dos servos deste Patriarcado. Se mostrasse não ter escutado as palavras do vosso Prior, seria sinal de que as tomara como a mim dirigidas; escutei-as, e tomo-as como dirigidas Àquele que aqui represento. Quis estar convosco nesta hora de alegria, que o vosso Prior disse ser também de trabalhos; quis estar

convosco, como representante d'Aquele que me envia».

E Sua Eminência continuou: «Eis realizada a obra empreendida de adaptação desta vetusta igreja à nova liturgia. Para ser verdadeira, porém, não pode ser reconstrução, menos ainda transformação; tudo na igreja é sagrado, tudo contém a história espiritual e, muitas vezes até, artística, de muitas gerações. Uma igreja, neste sentido, não é nunca de uma época, mas de todas as épocas».

Sempre religiosamente escutado, Sua Eminência continuou: «Não podem, porém, deixar de ser censurados certos restauros, que a despojam das obras de outras gerações. A obra de arte é consequência do amor a Deus».

Fecendo breves comentários sobre a arte e sobre o culto, o Senhor Cardeal prosseguiu: «Tratemos a igreja como a trataria o seu autor, saibamos ser fiéis ao espírito de quem a construiu. A igreja é viva, e para tocar nela sem a alterar, só de joelhos; é preciso senti-la, amá-la, vivê-la». E terminou: «Esta igreja foi tocada para melhor realizar a Liturgia nova. E com estas palavras, escuso de dizer mais».

Iniciou-se então a celebração da missa; ao Ofertório, alguns pescadores depositaram junto ao altar diversos peixes, e algumas senhoras, dádivas em dinheiro.

Finda a celebração, Sua Eminência deu a bênção aos fiéis.

Às 8 horas da tarde, o Senhor Cardeal foi jantar numa das dependências do «Colégio de Sesimbra», retirando-se depois para Lisboa.

Não devemos deixar de deplorar que a S. Eminência — a quem Sesimbra, sempre, deu testemunho entusiástico — se houvesse oferecido tão magra e fria recepção. Entendemos, também, que os Paços do Concelho seriam o lugar nobre para receber o Cardeal Patriarca de Lisboa.

Não estávamos habituados a ver, na assistência às cerimónias religiosas celebradas sob a alta presidência do Patriarca de Lisboa, pessoas tão negligentemente vestidas: de camisas abertas, sem casacos, etc.

Gostaríamos de ter visto — como sempre tem acontecido — os nossos verdadeiros pescadores (e são cerca de 3.000) associados às cerimónias e à recepção, com aquela verdade, simplicidade e entusiasmo que usam em todos os actos da sua nobre vida.

No templo, e do ambão, o Prior da Matriz, em certo momento, solicitou aos «senhores marítimos» que estivessem presentes, «e com camisolas tá-mar», o favor de se aproximarem da capela-mor, para o ofertório.

Ora os homens do mar de Sesimbra, são mais do que marítimos: são pescadores. E não só a «camisola tá-mar» nada tem de comum com esta terra, como também os nossos pescadores costumam apresentar-se nas cerimónias grandes envergando os seus melhores fatos.

A profissão de pescador não obriga a «farda» especial. Basta recordar o que todos os anos vemos nas festas em honra do Senhor Jesus das Chagas.

É magnífica, de fidelidade, a nova instalação sonora do templo, com os alti-falantes discretamente embutidos nos vãos dos janelões.

Também no exterior do templo foram

colocados alti-falantes especiais, que, infelizmente, não foi necessário ligar.

O capelão da Misericórdia, que durante as cerimónias foi explicando o decorrer delas, diversas vezes deu ao Cardeal Patriarca o título de «Pontífice» — certo, mas não comum; raros fiéis sabem ser Pontífice — «aquele que faz a ponte». Só foi pena que, em certo momento, talvez entusiasmado, houvesse designado Sua Eminência por «Sumo Pontífice».

Por causa da visita de S. Eminência, caiu-se apressadamente o edifício do templo. E, com a pressa, caiu-se também o pequenino painel de azulejos ao lado da porta transversal, agora erradamente entaipada. Ficamos com a esperança de o ver limpo de cal.

No adro, à esquerda, amontoavam-se, arrumadas, muitas das pedras arrancadas da igreja. Também esperamos que não fiquem ali até à oportunidade de as carregar para qualquer depósito de entulhos.

Num afã — totalmente alheio à liturgia — arrancaram-se as velhas grades dos janelões, e colocaram-se neles feios vidros amarelos e brancos (cores heráldicas dos Estados Papais). E nem escapou à destruição o gradeamento da pequenina janela do coro, coeva da fundação do templo, e em cujo lintel se inscreve o ano da fundação.

Ao contrário, manteve-se o feio espectáculo da antena de Televisão, «amarrada» a um dos elegantes «fogachos» da cúpula da torre, graciosa, mente delineada por Carlos Mardel; e manteve-se, ainda, não sabemos porquê, ligada ao remate da torre, uma feia cruz de madeira, que vai apodrecendo com o sol e com a chuva.

Os fiéis velhos interrogam-se sobre o destino de muitos do que «sobrou» das impiedosas obras, nomeadamente da velha e votiva imagem de Nossa Senhora da Saúde.

Dr. Norberto Lopes

Pelas notícias chegadas até nós, continuam a acentuar-se as melhoras do Sr. Dr. Norberto Lopes, digno director do «Diário de Lisboa», que foi vítima, com sua esposa, dum brutal acidente de viação.

Todos os que colaboram no «Sesimbrense», e que são sinceros admiradores do grande jornalista, desejam vê-lo em breve à frente do jornal ao qual a sua forte personalidade tem emprestado grande prestígio.

VENDEM-SE

Terrenos nos lugares de Aldeia do Meco e Zambujal, do concelho de Sesimbra.

Trata Joaquim Vieira da Mata, residente no lugar de Torrões (Sesimbra).

GAZCIDLA

Setúbal recebeu carinhosamente o Chefe do Estado

(continuação da pág. 1)

Setúbal, director-geral dos Serviços Hidráulicos, presidente da Junta Autónoma do Porto de Setúbal, director do Gabinete da Ponte sobre o Tejo e o Dr. Miguel Bastos.

A pequena Élia Maria Ferreira Horta entregou as chaves da cidade ao Sr. Almirante Américo Thomaz, pondo-se em bicos dos pés para o beijar, como era seu desejo, pois pedira para ser ela a desempenhar-se da missão que cabia a seu pai.

A SESSÃO

NA CÂMARA MUNICIPAL

Como a multidão concentrada na praça do Bocage continuasse a aclamar o Chefe do Estado o Sr. Almirante Américo Thomaz assomou à varanda do edifício. Prolongada salva de palmas se fez ouvir numa confirmação acentuada do quanto o povo do Distrito tem no coração o Chefe do Estado.

Seguiu-se a sessão solene a que presidiu o Chefe do Estado ladeado pelos Ministros das Obras Públicas e das Comunicações, Governador Civil de Setúbal e Presidente do Município.

Anunciada a série de discursos o Sr. Presidente do Município entre outras afirmações de alto cunho patriótico disse:

E creia V. Ex.^a que as honras que ao longo das ruas desta cidade lhe foram tributadas, representam o agrade-

intervir também nesta sessão, penso que posso fazê-lo em palavras breves, tão significativas foram e carregadas de representação, as intervenções que acabamos de escutar e tão expressiva a voz do povo ao aclamar V. Ex.^a, Sr. Presidente da República, desde esta manhã, por estradas e caminhos desta península de Setúbal, por praças e ruas desta nobre cidade.

É procurando, para as minhas palavras, algum eco desse calor e desse respeito do povo que me é grato saudar V. Ex.^a, como personalidade insigne de guia em quem a Nação vê espelhadas, com verdade e com naturalidade, as suas melhores virtudes.

Desejava também cumprimentar respeitosa e jubilosamente as eminentes personalidades do Governo hoje presentes em Setúbal: — os ilustres ministros.

Cumprimento também com respeito e o maior apreço os dedicados servidores da causa pública, Srs. governador civil e presidente da Câmara.

A inauguração, hoje, das importantes estruturas que constituem a segunda fase do nosso porto é acontecimento que não deve passar sem agradecida referência, pelos acrescidos benefícios que representa para Setúbal e para o seu «hinterland».

A nossa imaginação, porém, está ainda cheia e exaltada, o nosso patriotismo enflorado e até o nosso sentido estético deslumbrado pela nova ponte que, desde ontem, ficou a abraçar as

partido da rentabilidade própria do empreendimento, foi possível dispor de mais de dois milhões de contos sem compromisso da nossa capacidade directiva de investimento, requerida para domínios mais prementes e primários, ao menos na imediata aparência. Podemos congratular-nos com o espectacular acréscimo de bem-estar que, para todos nós, representa o novo serviço de travessia do Tejo, ainda quando, imediatamente, no nível de utentes, saísse mais dispendioso (o que não está provado...). Podemos por todos estes motivos, patrioticamente desvanecer-nos com esta grata e esplendorosa realidade presente; importa mais, porém, deixar o olhar espriar-se, do alto da ponte, pelos caminhos do futuro, deixar o espírito voltar-se para a reflexão daquele significado de garantia de progressão do nosso desenvolvimento sócio-económico.

Esta obra toca no cerne da nossa vida colectiva precisamente por estar associada directamente, quer nas altas decisões políticas, quer no nível da programação, a fundamentais temas e realizações em curso do nosso desenvolvimento. Factor de imediata vitalização desta região de entre Tejo e Sado, com múltiplas aptidões naturais de excepção, a sua influência repercutte-se por todo o Sul do País, até ao Algarve e às suas singulares virtualidades para o turismo e, como adjuvante poderoso, interfere nesse extraor-

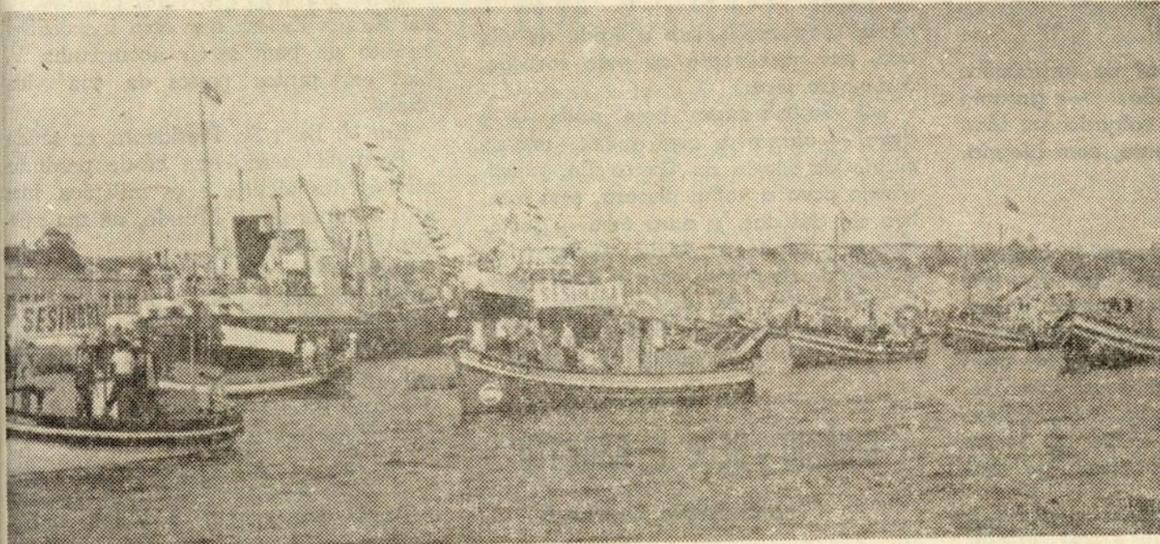
E as duas primeiras são naturalmente para agradecer, aos oradores que aqui usaram da palavra, as referências amigas que ao Chefe do Estado fizeram e para agradecer também as homenagens hoje prestadas mais uma vez ao Chefe da Nação pelas populações deste distrito. E estou certo de que ao saudarem o Chefe do Estado não o saudavam apenas a ele, estavam saudando todo o Governo, estavam agradecendo, afinal, aquela maravilhosa obra que todos nós ontem inaugurámos.

Na verdade, a ponte sobre o Tejo é um verdadeiro monumento que liga o passado ao futuro; é uma obra como nenhuma outra feita até agora em Portugal e não é apenas um traço de união entre Lisboa e a península de Setúbal. É bem mais do que isso: é um traço de união entre o Centro e todo o Sul do País e é, afinal e sobretudo, uma ponte que nos indica, pelo seu maravilhoso valor, qual deve ser o caminho do nosso futuro. É que a ponte faz com que uma época praticamente fique terminada e que outra se encete; e essa outra tem que ser necessariamente a continuação destes últimos quarenta anos em que o País conseguiu recuperar muito do tempo perdido e ganhar alento para fazer no futuro mais e muito melhor.

Aqui, nesta sessão, foram devidamente louvados dois homens, que, muito mais do que quaisquer outros, merecem de facto todo o nosso entusiástico louvor. Eles são, como V. Ex.^{as} todos sabem, o Doutor Oliveira Salazar e o Eng. Arantes e Oliveira. São os dois máximos responsáveis da obra ontem inaugurada e todos os louvores aqui escutados não são de mais, apesar dos termos em que foram proferidos. E eu, primeiramente como português, associe-me a esses louvores; agradeço a esses dois grandes vultos mais esta obra que conseguiram que o País auferisse. Mas se falo como português, falo sobretudo neste momento como Chefe do Estado para manifestar o reconhecimento de toda a Nação ao Doutor Oliveira Salazar e ao Eng.^o Arantes e Oliveira.

A ponte, como disse, é o rumo do nosso futuro, mas esse rumo, como aqui foi lembrado pelo Dr. Mello e Castro, está sendo também traçado por aqueles jovens, pela flor da mocidade portuguesa, que em África defendem o nosso património secular e o querem entregar íntegro às gerações do futuro. Pois esses homens fazem um trabalho igual àquele que a ponte representa. Representam eles também um traço de união entre o passado e o futuro, por-

(continua na pág. 4)



A frota pesqueira de Sesimbra desfila perante o Chefe do Estado

cimento sincero das boas e trabalhadoras gentes da capital do Sado, pela grande honra que, gentilmente, V. Ex.^a lhes quis proporcionar, logo no dia seguinte ao da inauguração dessa obra fantástica que é a ponte sobre o Tejo.

Em seguida usou da palavra o Sr. Manuel Martins Lino, representante dos trabalhadores do distrito, afirmando em palavras de exaltação, o quanto os trabalhadores já devem à grandiosa obra levada a cabo no campo económico e social, pelo Estado Novo.

Como representante das actividades económicas do distrito, falou João Branco Nuncio, que afirmou: Sr. Presidente: os portugueses de hoje orgulham-se, muito legitimamente, contemplando em V. Ex.^a as mais nobres virtudes de uma raça que através dos séculos se impôs ao Mundo e que, nos nossos dias, vive páginas das mais belas da história pátria, não olhando nem hesitando perante sacrifícios de toda a sorte, para que se mantenha bem alta a honra nacional.

O orador seguinte foi o deputado pelo pelo círculo Dr. José de Melo e Castro cujo discurso em parte publicamos:

Tendo-me sido indicado que deveria

margens do Tejo — pela Ponte Salazar.

V. Ex.^a Sr. Presidente da República, inaugurou a ponte caminhando do sul para o norte, de Almada para Lisboa. Aparece, assim, destacado um significado de progressão do menos para o mais evoluído, do campo para a cidade, um significado de promoção desta península de Setúbal e, na sua continuidade de Setúbal e, na sua continuidade, de todo o vasto Alentejo. Este o que fica a predominar sobre o significado, sem dúvida também transcendente, que assume entre as grandes remodelações urbanísticas e os equipamentos de comunicações da nossa bela capital com os seus subúrbios transtaganos.

A ponte avulta, assim, como símbolo de uma ascensão, como farol do nosso progresso posto em marcha por sendas que realizações desta escala garantem já como irreversíveis.

Podemos contemplar com profunda admiração o volume e a qualidade impressionantes da obra de engenharia realizada. É mais que justo que o façamos. Podemos saudar o Governo e os técnicos pela felicidade da organização, pelo próprio recurso ao crédito externo, com o qual, tirado todo o

dinário programa em execução, porventura o de mais profundo e extenso efeito na organização comunitária superior da nossa vida metropolitana, a que a nossa geração finalmente, se abalançou: — a reconversão sócio-económica do Alentejo, e referindo-se à importância do plano de Regra do Alentejo indicou «índices diversos que vão germinando um Alentejo novo».

A terminar o seu discurso o Dr. Melo e Castro, evocou os que se batem no Ultramar batendo-se pela individualidade da nossa Pátria não para manter fundos de grandeza autárquica invalidados nesta idade planetária, mas porque as realidades africanas ainda não exibiram, instituições ou fórmulas de progresso que assegurem melhor que as nossas o desenvolvimento daqueles territórios.

Ao encerrar a sessão solene realizada na Câmara Municipal de Setúbal, o Presidente da República proferiu o seguinte discurso:

Para fecho desta sessão solene com que a Câmara Municipal de Setúbal se associou ao movimento de todo o distrito, de agradecimento ao Governo pela obra portentosa que a ponte sobre o Tejo significa, é lógico que o Chefe do Estado diga algumas palavras.

A visita

do Chefe do Estado ao Distrito

Dr. Sr. Governador Civil do Distrito recebemos a carta que, a seguir, muito gostosamente publicamos:

Cumpra-me o grato dever de transmitir a toda a população do Distrito, a expressão do agradecimento de Sua Excelência o Presidente da República, pela recepção que lhe foi dispensada por ocasião das cerimónias comemorativas da inauguração da Ponte sobre o Tejo.

A solicitude com que todos acolheram o Chefe do Estado e que muito sensibilizaram Sua Excelência, honraram mais uma vez as tradições do Distrito.

Governo Civil do Distrito de Setúbal, 17 de Agosto de 1966.

O Governador Civil substituto, em exercício, — Francisco Pereira Beija.

DA VILA Setúbal recebeu carinhosamente o Chefe do Estado

Notas breves

No dia da inauguração da ponte sobre o Tejo, ficou provado que, afinal, quase não há problema de trânsito em Sesimbra. Essa demonstração foi feita, de forma impressionante, pelas praças da Guarda Nacional Republicana, postadas nos pontos estratégicos da vila, as quais se houveram com uma competência e diligência tão dignas de louvor que desejamos sintetizar o nosso aplauso neste simples comentário: desconhecemos, quer nesse dia, quer no domingo imediato, aquela Sesimbra caótica que há longos anos nos habituáramos a suportar, em especial aos domingos ou às horas da lota.

É certo que alguma coisa mais se pode e deve fazer, nomeadamente interditar ao trânsito certos locais, além de um troço de rua entre café e esplanada, criar sentidos únicos para entrar e sair da vila, estabelecer mais parques de estacionamento, proibir as camionetas de excursão de alongarem os seus percursos até à Marginal, etc., etc., mas isso já não é com a Guarda.

* * *

Não sabemos se alguém já reparou que a Ponte Salazar provocou uma afluência enorme de visitantes. Os carros, de todos os tipos e tamanhos, sucedem-se, nacionais e estrangeiros, em longas filas, demandando a vila em qualquer dia da semana. Impõe-se, portanto, que a demonstração feita nos dias festivos de 6 e 7 de Agosto, de ordenamento do trânsito, não fique na história de Sesimbra como mais um número das cerimónias comemorativas da inauguração da Ponte. É preciso continuar e estabelecer, definitivamente, diariamente, uma ordem e uma disciplina a que nos temos mostrado avessos. Sem esquecer os peões — e sua inveterada mania de caminharem pelo meio das ruas...

* * *

Não temos, na estrada ou nas ruas, qualquer indicação do caminho que conduz ao parque de campismo (possivelmente para que os campistas — referimo-nos aos que armam tenda — descubram sozinho as escadas que têm de trepar até lá, e assim fiquem com a noção de ser exclusivamente deles a responsabilidade). Também muitos dos nacionais, e principalmente dos estrangeiros que nos visitam, trazem caravanas e atrelados.

Ora, já que os campistas continuam a aparecer quase com a mesma frequência com que aparecem as placas indicativas dos locais onde se não pode acampar, talvez não fosse má ideia sinalizar o caminho para aquele parque de quebra-costas, deixando no porto de abrigo, junto do novo parque automóvel, um cantinho para os homens das caravanas, a quem basta um pouco de terreno plano e uma torneira de água potável.

A COISA VAI-SE COMPONDO...

As rampas de acesso à praia, devido aos temporais, ficaram destruídas. Felizmente que já se encontram reparadas.

Também a cortina da estrada Marginal, cujo capeamento havia sido destruído, já está reparada.

As passagens do Alcatraz e do Macorrilho, que há quatro anos estavam praticamente destruídas, já começaram a ser reparadas. Tem custado, mas, finalmente, a coisa vai-se compondo...

GAZCIDLA

(Continuação da pág. 3)

que nas suas mãos e no seu valor estão seguramente bem firmados os altos destinos da Pátria que nós queremos que seja amanhã melhor do que é hoje; e só eles poderão conseguir isso. Por isso, deste local, ao mesmo tempo que saúdo dois grandes portugueses, de todos conhecidos, saúdo também esses portugueses que lá fora anónimamente estão defendendo também Portugal das investidas dos nossos inimigos. Todos eles são dignos da nossa gratidão. E eu não posso fazer mais, ao louvar o Doutor Oliveira Salazar e o Eng.º Arantes e Oliveira, do que dizer que eles estão na companhia desses heróicos soldados, a garantir o futuro de Portugal.

OS CUMPRIMENTOS DOS TREZE PRESIDENTES DOS MUNICÍPIOS DO DISTRITO

No fim da sessão solene, o Chefe do Estado recebeu os cumprimentos dos treze presidentes dos municípios do distrito que lhe ofereceram o livro editado a propósito do centenário de Setúbal, da autoria de Machado Pinto, que autografou a publicação.

Ao deixar os Paços do Concelho de novo o Presidente da República teve manifestações de carinho, como ao

longo do trajecto até às instalações portuárias.

Eram 17 e 35 quando ficou inaugurado o novo cais acostável, nas Fontainhas, sendo assinalada a cerimónia pelo descerramento de uma lápida.

O novo cais tem 175 metros de comprimento da face acostável, com um muro-cais de betão ciclópico, pré-moldados, de 43 a 61 toneladas de pesos individuais. Despenderam-se com a obra 13 271 contos, tendo a Junta Autónoma do Porto participado com 10 300 contos.

MAIS DE UMA CENTENA DE EMBARCAÇÕES CONCENTRADAS NO SADO

O Presidente da República e os membros do Governo que o acompanharam nesta visita a Setúbal embarcaram na vedeta «Uranos», da Marinha de Guerra.

Não cessava o apitar festivo das sirenes de cem embarcações e 35 traineiras dos portos de Setúbal, Sesimbra e Sines.

A vedeta presidencial passou por entre as embarcações — vistosamente engalanadas — de onde as tripulações e seus familiares acenaram — numa colorida saudação — ao Chefe do Es-

tado que não escondia a sua satisfação por mais esta homenagem das gentes do mar.

A vedeta «Uranos» acostou aos cais dos barcos de Troia e o Sr. Almirante Américo Thomaz antes da despedida assinou o livro de bordo.

Entretanto, a multidão que se aglomerava ao longo do cais recém-inaugurado, convergiu para o local onde o Chefe do Estado tomou lugar no seu automóvel. E, como já é costume, o automóvel presidencial teve dificuldade em iniciar a sua marcha.

Às 18 e 30, na Praça Carlos Relvas o Chefe do Estado assistiu a uma corrida de gala.

VISTOSO FOGO DE ARTIFÍCIO LANÇADO NO RIO SADO

Na Estalagem de S. Filipe, pelas 21 horas, teve lugar um jantar volante, seguido de recepção, durante o qual o governador civil de Setúbal, Sr. Francisco Bórgia, saudou o supremo magistrado da Nação, dizendo:

Sr. Presidente: As horas para nós inesquecíveis que V. Ex.ª quis viver neste Distrito deram-lhe sem dúvida, a certeza de que V. Ex.ª está no coração de todos nós. Esta grande honra que por sua bondade uma vez mais V. Ex.ª nos concedeu, convivendo connosco e presidindo às solenidades que tiveram lugar a propósito da inauguração da incomparável obra que é a Ponte sobre o Tejo, constitui para todo o Distrito motivo do maior júbilo e do mais profundo reconhecimento.

Igual gratidão queremos expressar a sua Ex.ª Esposa que com incedível espírito de bem servir acompanha V. Ex.ª em tantos passos da sua vida oficial.

Em V. Ex.ª, Sr. Presidente, eu saúdo o Portugal eterno que há-de perdurar através dos séculos e os milénios, íntegro, a impor-se ao Mundo, na sua missão civilizadora.

Pela saúde de V. Ex.ª, pela saúde de sua Ex.ª Esposa e para que Deus continue a proteger V. Ex.ª.

No final, o rio Sado foi iluminado por feérico fogo de artifício, fechar condigno de um dia de festa grande na bela cidade setubalense.

A todos os actos oficiais, e à recepção dada na estalagem de S. Filipe, «o Sesimbrense» esteve representado pelo nosso Director acompanhado da esposa.

Dr.ª Maria da Conceição Cheis

Na Faculdade de Letras de Lisboa, terminou a sua licenciatura em Ciências Históricas a nossa conterrânea D. Maria da Conceição Franco Cheis, filha dos nossos amigos Srs. José Franco Cheis e D. Justina Julião Cheis.

É a Dr.ª Maria da Conceição autora de interessante trabalho sobre arqueologia regional — elaborado há 4 anos — o qual esteve destinado a constituir um dos volumes que seriam editados quando da comemoração do 8.º centenário da conquista de Sesimbra. Infortunadamente, nem um só volume viu a luz do dia, e tal trabalho continua, assim, desconhecido dos historiados.

À nossa conterrânea — a quem desejamos todos os triunfos — e a seus pais, apresentamos os nossos cumprimentos de parabéns!

Sesimbra - credora minha

(Continuação da pág. 8)

laboração — bom sinal de inspirações literárias, em emulsão... — garanto que, um pouco mais folgado em tempo, responderei presente, com alegria.

*

Traçar um ideal, persegui-lo e alcançá-lo — eis o que raras vezes acontece a um qualquer simples mortal. Assim, posso bem considerar-me um feliz, um invejável protegido da sorte, após ter pensado em juntar a um Curso técnico um outro, de cunho literário, vencido várias etapas e, como «O Sesimbrense» fez favor de referir, ter chegado ao fim.

Quis o destino, caprichosamente, que nessa caminhada de meia dezena de anos, Sesimbra marcasse especialíssima presença, dia após dia, regularmente. Como? Muito simplesmente: a meu lado, vencendo idênticas dificuldades e vivendo as mesmas emoções, houve sempre uma sesimbrense da «gema», interlocutora ideal para paleios sobre a vila, complemento do já de si razoável índice informativo que o Jornal me proporciona, colega excelente, amiga que muito prezo, aluna distinta, de agradabilíssimo convívio: a dr.ª Maria da Conceição Franco Cheis, formada também em Ciências Históricas, antecipando-se-me até, «traçoicamente», uns dois ou três dias.

Cumpro um dever de consciência — e faço-o com muita alegria! — ao divulgar que, por intermédio da «São» Cheis, Sesimbra tornou-se ainda mais credora da minha imensa simpatia e gratidão na medida em que recebi dessa excelente colega uma perma-

nente cooperação, sob a égide da vila que, por nascimento ou pelo coração, é a nossa terra.

«O Sesimbrense» bem pode — e deve! — ufanar-se com o êxito universitário da Maria da Conceição, prestigiante para a velha piscosa, sem sombra de dúvidas, e para mim — gostosamente repito a ideia expressa — agravante de monta para a dívida que, há um quarto de século, tenho vindo contraindo para com Sesimbra...

DAVID SEQUERRA

GINÁSIO - SEDE É ASSUNTO

(continuação da pág. 8)

dos da máquina de registar as apostas do Tirobola.

— Por acaso já se pensou em iniciar a construção por alguma parte em especial?

— Bem, ainda é muito cedo para tais conjecturas...

— ... E se se começasse pelo ringue de patinagem, onde, além da patinagem, se poderia praticar voleibol, basquetebol, andebol, e até realizar festas diversas?

— É sem dúvida uma boa ideia, e francamente ainda não tínhamos pensado nisso. Estou-me até lembrando que está prevista a construção de dois «courts» de ténis por parte do Município, numa primeira fase de embelezamento daquela extraordinária mata municipal.

Muito mais pretenderíamos de Cardoso Laureano; contudo, não desejávamos «roubar» parcela alguma daquilo que ao longo de onze meses foi conquistado: as férias.

Mas o Ginásio-sede não «tem» férias, pois

Ginásio-sede é assunto!

Ginásio-sede é notícia!

NOTA: Por atraso verificado na entrega do original fotográfico, não nos foi possível incluir a fotografia da maquete do futuro Ginásio-sede.

Do facto, pedimos desculpa aos nossos leitores, prometendo inseri-la no próximo número.

VENDE-SE

2 «Atajeres» para Barbearia, em estado novo.

Informa:

Marcos Pinto Carapinha

Largo Infante D. Henrique

— SESIMBRA —

Leia, assine, e divulgue
O SESIMBRENSE